



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1614>

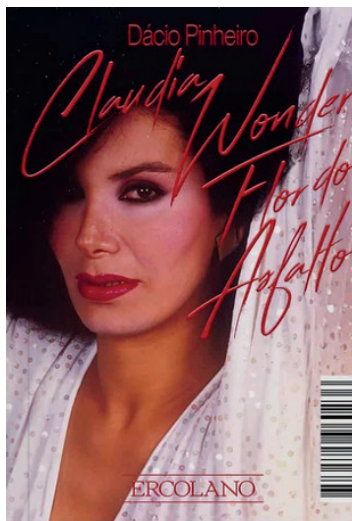


A joia do Jardim das Delícias: análise da história oral no livro *Claudia Wonder: Flor do Asfalto*, de Dácio Pinheiro

Amanda Ferraresi*

OCID iD 0009-0001-7818-3404

Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, São Paulo, Brasil



PINHEIRO, Dácio. *Claudia Wonder: Flor do Asfalto*. São Paulo: Ercolano, 2025.

* Mestranda em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP), com orientação da Profa. Dra. Raíssa Uhiara. E-mail: amandaferraresi.n@gmail.com.

A obra *Claudia Wonder: Flor do Asfalto* retrata a trajetória da multiartista travesti brasileira Claudia Wonder (1955-2010), abordando sua atuação artística enquanto dialoga com o panorama político e cultural da época em que viveu. O livro é uma revisita ao acervo de entrevistas concedidas por Claudia ao autor e cineasta Dácio Pinheiro entre 2000 e 2009, durante a produção do documentário *Meu amigo Claudia* (2009).¹ Para o autor, *Flor do Asfalto* é a oportunidade de que “a própria Claudia, com sua voz, contasse suas experiências de vida” (Pinheiro, 2024, p. 39), construindo uma narrativa afetiva e histórica sobre sua trajetória e legado. Assim, esta resenha propõe uma análise do uso das entrevistas como recurso metodológico central na construção da obra, à luz da história oral.

Antes de adentrar ao conteúdo, é necessário observar a edição do livro, que desempenha papel importante na construção de sentido da obra. Logo na abertura, a pessoa leitora é recebida com um autógrafo de Claudia Wonder dedicado ao autor. Como epígrafe, apresenta-se um trecho de entrevista realizada por Silvana Afram, em 1984, em que Claudia é questionada sobre seu signo e a origem do sobrenome Wonder. Solicitada a contar sua trajetória, Claudia responde: “Ah! Vamos ficar aqui até amanhã...”. Este é o único momento do livro em que as perguntas dos entrevistadores aparecem transcritas. Em uma segunda epígrafe, os versos “é feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”, de Carlos Drummond de Andrade, dialogam com o título da obra – referência aprofundada nas páginas seguintes.

Toda a edição é permeada por imagens: fotografias pessoais (como as de infância e de viagens), fotografias profissionais, recortes de jornais, cartazes e registros de performances e shows. Essa seleção iconográfica contribui para o tom íntimo e afetivo do livro, reverberando como um álbum de memórias elaborado por um grande admirador. Desde as primeiras páginas, a pessoa leitora é introduzida no universo de Claudia Wonder, seu contexto histórico e cultural e nos temas centrais da obra: a construção de sua identidade, carreira artística e coragem.

No prefácio “Claudia [A Diva da Dúvida] Wonder”, a escritora e pesquisadora em estudos de gênero Amara Moira antecipa alguns feitos de Claudia, aprofundados posteriormente no livro. Moira reflete sobre a visão fluida e ambivalente de gênero presente na comunidade travesti dos anos 1980 e 1990. Essa perspectiva, embora possa soar conflitante com alguns debates contemporâneos sobre identidade de gênero, é recorrente nos relatos de Claudia e revela sua movimentação na “fronteira sutilíssima” (Abreu *apud* Pinheiro, 2024, p. 114) entre os gêneros binários.

Por que é que eu não posso ser travesti? Por que é que eu não posso ser os dois em um, um rádio-gravador? (*Risos*) Pra mim não existe essa coisa, “Ah, travesti não é homem nem mulher”. Ao contrário, meu amor: eu sou homem e sou mulher. Ora, eu tenho

1 O documentário *Meu amigo Cláudia* (2009) foi exibido em diversos festivais de cinema no Brasil e no exterior, recebendo os prêmios de Melhor Documentário no Festival Mix Brasil (São Paulo) 2009 e no 14º LesGaiCineMad (Madrid) no mesmo ano.

o direito de ser o que eu quiser. (Wonder *apud* Pinheiro, 2024, p. 142).

Na apresentação, Dácio Pinheiro narra seu encontro e a relação pessoal e profissional com Claudia Wonder. O autor relembra momentos vividos juntos e algumas particularidades, como a insegurança que sentiu quanto ao impacto que seu documentário *Meu amigo Claudia* poderia ter na amizade entre eles.

Flor do Asfalto é composto por catorze capítulos organizados majoritariamente em ordem cronológica, acompanhando diferentes fases da vida de Claudia Wonder: a infância, relacionamentos familiares e a juventude; os primeiros contatos com o universo LGBTQIA+; a carreira com shows de dublagem nas boates paulistanas nos anos 1970; suas experiências na Europa; a trajetória no teatro e cinema; sua carreira musical e performances icônicas; sua militância política; sua relação com São Paulo, cidade em que nasceu e viveu; e, por fim, considerações sobre o presente e o futuro. No posfácio “Para Sempre Claudia Wonder”, o jornalista Neto Lucon encerra a obra com um tom profundamente afetivo, relatando os últimos momentos de vida da artista.

Além dos relatos de Claudia, os capítulos incluem citações de figuras como José Celso Martinez Corrêa, Sérgio Mamberti e Grace Gianoukas, reforçando a construção coletiva da memória pública sobre ela. Esses depoimentos são excertos de entrevistas realizadas pelo autor e, em sua maioria, também aparecem no documentário *Meu amigo Claudia*.

Dácio Pinheiro utiliza os excertos de entrevistas para traçar a trajetória e construir a narrativa biográfica em primeira pessoa de Claudia Wonder. Para isso, afirma preservar os testemunhos “exatamente como ela falou, com suas contradições e histórias incompletas, mantendo a personalidade e essência de Claudia presentes” (Pinheiro, 2024, p. 39). Ao comparar trechos de entrevistas presentes tanto no livro quanto no documentário, nota-se que o autor realmente procurou conservar a expressão de Claudia – sempre muito clara e bem articulada –, excluindo apenas algumas hesitações para tornar a leitura literariamente agradável. Contudo, Alessandro Portelli (1997, p. 27) afirma que a transcrição “inevitavelmente implica mudanças e interpretação”.

Um artigo que analisa o documentário *Meu amigo Claudia* cita um exemplo de possível alteração de sentido na transcrição. Ele relaciona um ato falho da fala de Claudia Wonder com sua visão de ambiguidade de gênero: em um momento constrangido e reflexivo – aspecto que não é compreendido plenamente na leitura do trecho no livro –, Claudia confessa que teve uma filha e, ao relatar que o namorado da mãe da criança a assumiu, “é traída pelo inconsciente ao dizer que a filha foi registrada ‘no nome dela... dele’” (Franco; Silva; Oliveira, 2017, p. 148). Pinheiro, no entanto, parece não considerar significativo esse detalhe: no livro essa nuance se perde, pois o pronome possessivo feminino é omitido (Pinheiro, 2024, p. 154).

Outro ponto metodológico relevante é a omissão das perguntas feitas durante as entrevistas. Para Portelli (1997, p. 36), suprimir a voz do entrevistador pode gerar

uma “sutil distorção”, pois “o texto dá as respostas sem as questões, dando a impressão que determinado narrador dirá as mesmas coisas, não importando as circunstâncias”. Já Meihy (1991, p. 30) defende que essa prática é parte do processo metodológico que visa dar “espaço para a fala do narrador”. Ele aponta que faz parte da textualização “a supressão das perguntas e sua incorporação no discurso do depoente”, inaugurando uma nova etapa metodológica denominada “transcrição”. No caso de *Flor do Asfalto*, ao consultar os excertos de entrevistas disponíveis no documentário, é possível observar que Pinheiro não incorporou as perguntas no discurso de Claudia. Em vez disso, organizou os capítulos com títulos, epígrafes e imagens que situam a pessoa leitora do tema tratado. Por exemplo, no capítulo 4 “Paris foi o maior barato”, a pessoa leitora é muito bem situada no momento de vida que será abordado, tanto pela epígrafe – retirada de uma fala de Claudia – quanto pelo início do texto que contextualiza a pessoa leitora sobre o momento anterior, seus desejos e o ano em que tudo aconteceu: “Depois de alguns anos fazendo show em boates, eu já estava realmente querendo tomar uma atitude e me tornar travesti. Foi quando eu quis ir pra Europa pela primeira vez, em 1978” (Wonder *apud* Pinheiro, 2024, p. 64).

Marta Rovai (2021, p. 18) escreveu que a história oral, mesmo com suas diversas perspectivas e entendimentos, foi e ainda é construída visando, entre tantos outros objetivos, “contribuir para abrir espaço para essas vozes, subalternizadas, mas nunca silenciadas [...] reinventando formas mais democráticas, dialógicas e colaborativas de se construir narrativas e de se ouvir atentamente as vozes que exigem serem ouvidas e que desejam se dizer”. E Claudia Wonder, definitivamente, sempre desejou se expressar. Seja pelo seu lado artístico – através de performances em que questionava o preconceito da sociedade contra pessoas portadoras de HIV –, seja por seu lado escritora, ainda que brevemente mencionado no livro. Claudia escreveu em colunas de revistas, publicou um livro de crônicas *Olhares de Claudia Wonder* (2008), compunha suas músicas e mantinha um *blog* também chamado *Flor do Asfalto*. Este nome batizava ainda uma espécie de Organização Não Governamental (ONG) não regulamentada fundada por ela.

Segundo Pinheiro, a imagem da flor solitária que brota no asfalto, desafiando a rigidez do concreto, tinha um forte significado para Claudia:

Flor do Asfalto é a joia do Jardim das Delícias [...]. *A Flor do Asfalto* carrega em si um espírito de luta. Mesmo diante de toda adversidade, a flor do asfalto persiste, vinga e brilha, uma prova viva de que a beleza pode florescer em qualquer lugar. (Wonder *apud* Pinheiro, 2024, p. 32).

Assim como o autor identificou a própria essência de Claudia Wonder nessa imagem e a escolheu como título altamente representativo para essa obra, também retiro dela o título desta resenha: *Flor do Asfalto* é, de fato, a joia do Jardim das Delícias, por reconstruir a partir da história oral, e fazer emergir de um apagamento sistemático, a história de uma artista marcada pela irreverência, coragem e resistência.

O livro, assim como a vida de Claudia Wonder, extrapola os limites da narrativa individual. Sua existência transborda – no sentido político, cultural e histórico – e configura-se como um importante relato da cena *underground* paulistana dos anos 1980, bem como um testemunho da militância LGBTQIA+ durante a ditadura militar até os anos finais de sua trajetória. Claudia Wonder transborda sua existência, também, por ter desbravado caminhos fundamentais para existência e sobrevivência de tantas outras pessoas transsexuais que vieram depois dela e que ainda virão.

Claudia Wonder: Flor do Asfalto, de Dácio Pinheiro, portanto, não se limita a uma biografia: é um documento poético, político e histórico. Por meio de uma abordagem que não deixa de ser história oral, a obra reafirma o poder da memória como resistência. Sua força reside justamente na voz que conta suas próprias memórias, que exige ser ouvida, e que demonstra, com sensibilidade e coragem, que mesmo sob o peso do concreto, é possível florescer.

Referências

FRANCO, Stella Maris Scatena; SILVA, Natania Neres da; OLIVEIRA, Júlia Glaciela Silva. Gênero e travestilidade nas telas de cinema: a trajetória de Claudia Wonder em filme documentário. *Caderno de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, v. 30, n. 1, p. 154-181. 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Canto de morte kaiowá*. História oral de vida. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MEU AMIGO CLAUDIA. Direção: Dácio Pinheiro. São Paulo: Piloto, 2009. 1 vídeo (82 min.).

PINHEIRO, Dácio. *Claudia Wonder: Flor do asfalto*. São Paulo: Ercolano, 2024.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica Déa Ribeiro Fenelón. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em: 25 abr. 2025.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *Escutas sensíveis, vozes potentes: diálogos com mulheres que nos transformam*. Alfenas: Editora Cancioneiro, 2021.

Recebido em 08/07/2025

Versão final reapresentada em 18/07/2025

Aprovado em 16/12/2025

Fonte de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Bolsa.

Conflito de interesses: nada a declarar.